Sophie Richardson
Diretora para Ásia da ONG Human Rights Watch

‘Muitas companhias privadas já faziam isso cinicamente com seus clientes’

João Paulo Charleaux

A diretora para Ásia da Human Rights Watch, Sophie Richardson, não se mostrou surpresa nem com a nova lei chinesa sobre segredos de Estado nem com a possibilidade de que as empresas estrangeiras delatem usuários considerados suspeitos pelo regime. Para ela, os dois lados já vinham agindo dessa forma. A seguir, os principais trechos da entrevista concedida por telefone, de Washington, ao **Estado**:

● O que muda para a liberdade de expressão na China depois dessa decisão do governo de exigir que empresas delatem clientes suspeitos de violar segredos de estado?
A medida vai um passo além nos absurdos que já vinham acontecendo há muito tempo na China, mas não se pode dizer que elas sejam uma surpresa. Já existem inúmeras limitações à liberdade de expressão no país. A maior novidade talvez seja o fato de o governo assumir publicamente o que já fazia sem tanto alarde. De certa forma, trata-se de institucionalizar e publicar suas novas práticas persecutórias.

DIVULGAÇÃO

Sophie. Críticas ao regime e às empresas privadas

● A própria definição do que possa ser um segredo de estado não é incerta quando se trata de uma ditadura?
É claro. E o conceito usado na China é particularmente amplo. Basta dizer que qualquer funcionário público pode denunciar um cidadão por atentar contra o Estado, sem que para isso tenha de seguir o que conhecemos em qualquer país democrático como o devido processo legal. E o pesadelo maior é que a pessoa acusada pode acabar na cadeia sem nunca conhecer quem o denunciou ou quais foram as evidências apresentadas contra ela.

● A novidade é que, dessa vez, empresas estrangeiras terão de ser coniventes com essa prática.
É novidade para algumas empresas. Para outras, nem tanto. Muitas companhias já faziam isso tanto na China quanto eu seus países de origem; com diferentes propósitos e menor intensidade, é verdade. Há cinismo e hipocrisia demais nas grandes corporações que expandem seus negócios no mundo. Os registros dos clientes nem sempre são tratados com a confidencialidade prometida.

Anúncio

Quarto ataque a escolas fere cinco crianças

PEQUIM

No quarto de uma série de ataques contra crianças na China, um homem invadiu uma escola primária no leste do país e feriu cinco menores com um martelo antes atear fogo ao próprio corpo. Segundo a agência estatal de notícias *Nova China*, o autor do ataque, o fazendeiro Wang Yonglai, morreu no local do crime.

Yonglai arrebentou o portão da Escola Primária Shangzhuang, na cidade de Weifang, com uma motocicleta. Em seguida, começou a agredir crianças com um martelo. Ele também usou a ferramenta para atingir o pé de um professor que tentou pará-lo. Yonglai então jogou gasolina sobre si e ateou fogo, enquanto segurava duas crianças em seus braços. Os professores tiraram as crianças de perto do homem. Nenhum dos feridos está em estado grave.

Antes do incidente, a China havia registrado três casos de ataques com facas nesse último mês, incluindo dois somente esta semana, realizados por adultos com problemas mentais, que deixaram oito crianças mortas e quase 50 feridos.

Na quinta-feira, um desempregado feriu 29 crianças e três adultos com uma faca, em um ataque a um jardim da infância na cidade de Taixing, no leste do país. Na quarta-feira, um ex-professor de 33 anos com histórico de doenças mentais esfaqueou 15 estudantes e um professor, em um ataque com uma faca em uma escola primária no sul do país. Em ambos os casos, os agressores foram detidos e as vítimas não correm risco de morte. O ataque ocorreu no mesmo dia em que Zheng Minsheng, de 42 anos, foi executado por matar oito crianças numa escola em março.

Psicólogos criminais especulam que a onda de ataques foi inspirada na reação pública e pela cobertura da mídia dos assassinatos de março. A China reforçou a segurança em escolas pelo país a fim de evitar novos ataques. O Ministério da Educação divulgou um comunicado “urgente” pedindo que escolas reforcem a segurança, aumentem as restrições a visitantes e preparem planos de emergência. “Nós temos que estabelecer um conceito de segurança e prevenção”, afirmou o ministério no texto divulgado em seu site.

Um estudo do ano passado estimou que 173 milhões de adultos têm algum tipo de distúrbio mental na China – 91% deles nunca havia recebido auxílio profissional. Não há explicações sobre os motivos pelos quais os quatro agressores escolheram crianças como alvo.

Alguns especialistas afirmam que, apesar do elevado número de casos de doenças mentais, as rápidas mudanças na sociedade chinesa também teriam um papel importante no número crescente de crimes violentos. A maioria dos ataques contra escolas aconteceu no leste do país, onde os custos de vida são altos. Segundo testemunhas, o homem executado pelas mortes queria vingança contra os “ricos” e “poderosos” de Nanping, onde vivia. **/ NYT e AFP**

Fonte: O Estado de S. Paulo, São Paulo, 1 maio 2010, Primeiro Caderno, p. A17.